

LUZ DE UM

PRETO VELHO

Gonçalo Ferreira da Silva



LUZ DE UM PRETO VELHO

Gonçalo Ferreira da Silva

É este poema pobre
sem ilusões, sem enganos,
uma confiança cheia
de lances nobres, humanos
feita por um preto velho
de mais de duzentos anos.

Pouca gente compreende
a luz espiritual
que é manifestação
da energia vital
e conquistada através
da evolução moral.

Bendito o homem porque
possui o dom de pensar,
pois pensando é que responde
à pergunta secular:
depois da morte é possível
a vida continuar?

Uma vez se respondendo
esta interrogação
sabe o homem que na Terra
vive numa escravidão
e morrer é libertar-se
de dolorosa prisão.

Ouvi esse preto velho
que teve a compreensão
de saber aqui na Terra
quem cumpre uma provação,
a lei-de-causa-e-efeito,
vontade livre e missão.

Nós sabemos que no tempo
do Brasil colonial
a venda de negros era
tão simples, tão natural
como é atualmente
com o irracional.

Num tosco banco de pau
pequeno e mau cuidado
vi o preto velho sobre
seu próprio corpo dobrado
pensativamente como
se estivesse concentrado

E dobrando as fracas pernas
me sentei em sua frente,
à guisa de cumprimento
ele riu timidamente
começando a falar quase
ininteligivelmente.

A fala do preto velho
externava poesia,
embora titubante
e confuso o que dizia
porque as cordas vocais
vibravam sem harmonia.

“Fui escravo e viajei
em um navio negreiro,
fui comprado no Brasil
por um grande fazendeiro
senhor de muitos escravos
possivelmente posseiro.

Era crucial a dor
que o escravo sofria
no repugnante tronco,
porém o que mais doía
era a grande dor moral
que o preto velho sentia.

Porque o direito que Deus
deu ao preto de pensar
esbarrava na garganta
porque não podia falar
como se fosse um direito
pra somente o branco usar.”

E também tremia ante
o inconfundível ronco
do verdugo malfadado
que nos conduzia ao tronco
tendo na voz o sadismo
do homem perverso e bronco.

Tinha o mucambo no peito
mais suave o coração
que até considerava
o escravo como irmão
mas tal generosidade
contrariava o patrão.

Eu mesmo por muitas vezes
fiquei preso o dia inteiro
sem comida e sem bebida
num tronco de juazeiro,
como às vezes me soltava
me chamavam mandingueiro.

Mandingueiro eu nunca fui
mas era tratado assim,
livrei das cordas escravos
que eram leais a mim
elevando o pensamento
ao meu Senhor do Bonfim.

A maior dádiva que Deus
emprestou à criação
que foi o poder divino
da santa reprodução
era condicionado
à vontade do patrão.

Não sei porque mas ouvia
uma voz interior
me dizer: feliz daquele
que bendiz a própria dor
porque ela acende as luzes
do resplandecente amor.

Levavam-me para o tronco
com uma humilhante escolta
que dizia com sadismo:
quero ver se ele se solta,
nessa hora a carne fraca
propiciava a revolta.

No entanto eu perdoava
a boca que me cuspia
não porque eu possuísse
humana sabedoria
porém a voz da razão
secretamente dizia. . .

O escravo ouvia falar
na palavra liberdade;
se sonhava tinha de
voltar à realidade
pois só via nos senhores
irracionalidade.

Porém agora que vivo
a vida espiritual
desmaterializado
tenho uma visão global
das duas faces da vida
da física e da atual.

Um preto velho de luz
fala pouco e nunca erra
prega a paz reconfortante
repele a sangrenta guerra
e presta contas de tudo
quanto fala aqui na Terra.

E na espiritual
e bendita hierarquia
nós somos designados
pra servir de luz e guia
aos que têm necessidade
de paz e de harmonia.

Alegramo-nos se alcançam
a santa paz desejada,
no entanto para os que seguem
uma tortuosa estrada
temos pena, até choramos
porém não fazemos nada.

Porque essas criaturas
têm impuro pensamento,
sem elevação moral
não têm nobre sentimento,
virtude que só alcançam
após longo sofrimento.

O sofrimento burita
o ser animalizado
principalmente se o homem
padece resignado
pois tem o anjo-de-guarda
constantemente a seu lado

Quanto ao futuro os espíritos
não o sabem certamente,
é como se o entrevejam,
pois se o vissem claramente
seria como se o futuro
se transformasse em presente,

Nós não sabemos de tudo
porque não somos perfeitos,
não temos a luz suprema
dos santos anjos eleitos,
não sabemos, por exemplo
como e quando fomos feitos.

Se agregado à matéria
dá-lhe energia vital,
livre dela se alimenta
com o fluido universal
diz a razão que o espírito
é certamente imortal.

Somos frutos do trabalho
realizado com amor
pois nós somos criaturas
de Deus o nosso Senhor
mas pra que finalidade
só o sabe o Criador.

Entrava o Sol na tapera
quando para o preto olhei
não estando em minha frente
muito surpreso fiquei
depois decerrei os olhos
suavemente. . . acordei.

9279

Peça esta e outras obras do grande
Clássico da Literatura Popular,

Gonçalo Ferreira da Silva

pelo reembolso postal à
Livraria Leonardo Mários
rua da Constituição, 20 — 20.060
Rio de Janeiro - RJ